

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Ciências do Zika”
Episódio #4: “O Zika me formou”

Transcrição do episódio: Sabrina Bastos
Revisão da transcrição: Irene do Planalto e Soraya Fleischer

Legendas

Blocos

Efeitos sonoros

Abertura

[Música tema: “Suporto Perder”, de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

Irene: Ciências do Zika, uma série do podcast Mundaréu. Aqui, a partir de um ouvido antropológico, a gente vai conversar sobre a epidemia do vírus Zika com cientistas que se dedicaram a estudar esse vírus em Pernambuco. Esse é o quarto episódio, “O Zika me formou”.

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

*É chegado o tempo da inocência partir
Vida pede cimento, vou fincar minha raiz
Não me perder no vento da emoção do aprendiz
É chegado o tempo de ampliar a ciência
Sobre o que é ser feliz
(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*

Irene: Eu sou a Irene do Planalto e nesse episódio recebemos a Soraya Fleischer, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e coordenadora do projeto “Ciências do Zika”.

BLOCO 1 - A importância das estudantes no enfrentamento da epidemia

Irene: Bem vinda, Soraya!

Soraya: Oi, Irene! Hoje, eu quero começar te contando uma história que a gente ouviu da Maria Lucia Galvão, uma estudante de Fisioterapia lá da Universidade Federal de Pernambuco, a UFPE. A Malu já apareceu aqui na série, lá no primeiro episódio, “Criança não é adulto pequeno”. Ela foi entrevistada pela Thais Valim, Isabella Barbosa e a Isadora Valle, da nossa equipe da UnB. A entrevista aconteceu em 2022, dentro de um café lá no Recife e, por isso, você vai ouvir algum ruído de fundo. A Malu recorda exatamente do momento em que ela passou no vestibular:

Maria Lucia Galvão: Aí quando saiu o resultado foi aquela felicidade, e aí cursei o curso tranquilo e 2015, no final de 2015 pra 16 né começou a epidemia do Zika por aqui, até então todo mundo assim “o que é isso, o que é isso?”. E foi quando a gente começou, falando um pouquinho da questão da universidade, a gente começou a absorver crianças que não eram absorvidas em outros serviços. E aí a gente acabou criando um projeto de extensão, a gente não né [risos], as professoras criaram o NAM.

Soraya: O NAM, que a Malu mencionou, é “Núcleo de assistência à criança com microcefalia”.

Maria Lucia Galvão: Que foi assim um grande celeiro de profissionais. Tudo se voltou pro Zika. O laboratório inteiro se voltou pro Zika. Assim, não existia muito uma abertura pra fazer projetos com outras coisas porque a gente via a necessidade daquilo. Eu digo que se o Zika assim não tivesse existido eu seria outra profissional hoje, com certeza. Porque eu caminhei com ele.

Irene: Então a Malu contou sobre como um projeto de extensão, o NAM, marcou sua formação. O que será que ela fazia dentro desse laboratório do NAM?

Soraya: Ah, a própria Malu pode contar isso pra gente, ouve só:

Maria Lucia Galvão: E era assim, a criança era atendida, enquanto a criança era atendida eu dizia “Ó, você tá aqui num ambiente, seu filho tá recebendo atendimento, mas aqui a gente também trabalha com a questão de pesquisa, tem como a senhora responder esse questionário aqui da gente? Só pra ajudar aqui no TCC da gente e não sei o que? A gente dizia, o menino tem que se formar né?!”. Então me formar junto com a epidemia foi com certeza um diferencial e eu digo até um diferencial de formação profissional empregatícia, porque assim, muitos locais que eu aplicava o currículo viam que eu trabalhei na parte do Zika com um projeto de extensão, com uma atuação mesmo, muito de perto né?

Irene: A Malu tá contando várias coisas nessa história. Numa epidemia, de repente, muita criança surgiu com sintomas, com adoecimento. Então, Soraya, como os profissionais de saúde lidaram com esse tanto de criança nascendo com a microcefalia, que é a cabeça bem menor do que o esperado?

Soraya: De fato, Irene, foram muitas crianças. No Brasil como um todo, só pra você ter uma ideia, foram cerca de 4.000 crianças.

Irene: Nossa...

Soraya: Em Pernambuco, foram 400; na capital, Recife, perto de 200 crianças.

Irene: Puxa, um número muito alto. Os profissionais ali do Recife deram conta de atender todo mundo?

Soraya: Pois é, essa é uma ótima pergunta. Os serviços, os hospitais e as universidades foram criando vagas para atender especificamente estas crianças. Mas, sabe, eu demorei pra perceber como é que foi possível abrir tanta vaga e oferecer mais serviços de saúde. Com a nossa pesquisa, eu fui entendendo que os estudantes e as estudantes foram uma peça chave nisso tudo. Como a Malu acabou de contar, lá na UFPE onde ela estudava, eles criaram um projeto de extensão, eles abriram vagas e eles começaram a atender essas crianças. Os estudantes de Enfermagem, Medicina, Fisioterapia, Psicologia, Serviço Social, por exemplo, precisavam cumprir créditos de atividades práticas, precisavam produzir seus TCCs, é, escrever as suas teses, precisavam cobrir horas de estágio, sabe?

Irene: Sei, aham.

Soraya: Vou te contar o que os nossos entrevistados disseram. Todos eles eram estudantes à época do aparecimento do Zika. Dos 40 cientistas que nós entrevistamos lá no Recife, metade, é, tava numa fase de formação durante aqueles anos da epidemia, entre 2015 e 2016. A Malu, que abriu o episódio, era uma delas. A Olga Sophia Martins Sousa, uma estudante de Nutrição, era outra. E a Olga nos contou assim:

Olga Sousa: Como eu já tava inserida no serviço de saúde, eu vou usar uma palavra que eu nem sei se é adequada, mas eu me sinto como se eu era, eu estava num momento oportuno e era a mão de obra necessária para aquela prática. Então, era uma responsabilidade profissional, social, na qual já eu estava inserida.

Soraya: Então, Irene, eram graduandas e pós-graduandas e elas encontraram nesses consultórios e ambulatórios, nesses projetos de extensão e projetos de pesquisa um espaço para aprender e também para oferecer sua mão de obra. Foi atendendo estes pacientes recém-nascidos que essas estudantes puderem ganhar bolsas e puderam fazer suas monitorias, PIBICs, residências. Atender e pesquisar a um só tempo, portanto, multiplicou tanto a quantidade de profissionais que poderiam ser formados quanto a quantidade de pacientes que poderiam ser atendidos.

Irene: Pois, então, ampliar a produção da ciência e a oferta de assistência só é possível porque tem um elo muito importante aí: as pessoas que estão em formação, as estudantes.

Soraya: Isso mesmo. Estas equipes ganharam **escala**, pensa só: uma professora treinaria 10 alunos que atenderiam 30 crianças. E por aí vai.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

BLOCO 2 - Especificidades da formação durante uma epidemia

Irene: E, Sora, o que tem de específico em ser formada durante uma epidemia?

Soraya: Bom, tem muita coisa. Primeiro, diante de uma patologia nova, como foi o vírus Zika, né? Foi necessário entender o que que tava acontecendo. Como disse uma estudante de Serviço Social que a gente também entrevistou, ela falou: *“foi preciso um grande esforço científico”*. [Efeito *reverb* acionado, voz com eco ao fundo trazendo a sensação de uma memória, um *flashback*]. Por ser novo, precisava de pesquisa. O Fernando Oliveira, por exemplo, ele era aluno de Medicina à época da epidemia, ele viu algo de desbravador nisso tudo:

Fernando Oliveira: Então, a Zika, ela foi uma doença nova que trouxe, é, uma abrangência muito, muito, muito grande assim pra pesquisa. A gente teve um boom, então o número de pacientes com o Zika vírus deu “n”, que permitiu um maior acompanhamento. Então, assim, a gente é pioneiro em muitas pesquisas de Zika. Então, assim, uma coisa positiva que eu achei muito massa, foi eu tá participando de uma pesquisa, que a gente é pioneiro. Então a gente tem um “n” muito maior pra dizer o que causou a Zika, o que a gente vê pela Zika vírus no ultrassom, então assim, o positivo disso é que a gente, enquanto pesquisador, a gente tem essa autonomia de falar “isso, aquilo”. Então assim eu contribuí pra que isso fosse dito, “poxa, isso aqui eu contribuí”.

Soraya: O Fernando fala que o número de pacientes deu “n”, quer dizer, foram tantos pacientes, tanta possibilidade de fazer pesquisa, que foi possível ter uma amostra suficientemente representativa para gerar resultados, para generalizar conclusões. Então, o novo vírus foi uma grande oportunidade científica e, a reboque, uma grande oportunidade de formação.

Irene: E era uma formação oferecida de várias formas e por diferentes atores, né? Que acontecia dentro da universidade e dentro dos serviços de saúde.

Soraya: Sim, mas não só. Além das salas de aula e dos consultórios, as crianças, é, também foram abordadas em espaços que eu chamaria de menos convencionais. Os estudantes fizeram o que chamam de “busca ativa”, quer dizer, eles foram até as casas, lá nos bairros onde essas crianças moravam para atender, para coletar material pra pesquisa. Então eles foram também nas associações das famílias, sentaram nas salas de espera das instituições, eles assistiram eventos sobre deficiência. Eles circularam pela grande Recife e conheceram muitos outros atores envolvidos com a Síndrome Congênita do Vírus Zika.

Irene: Entendi. E o que mais que fez diferença na formação deles?

Soraya: Ah, uma coisa bem importante de ser formada durante uma epidemia foi o tipo de relação que estabeleceram com estes atores todos. Aquela estudante de fisioterapia

que eu te apresentei no início do episódio, a Malu, ela lembrou que uma síndrome com essa, com tantos sintomas, pediu um tanto de especialistas. Ouve só:

Maria Lucia Galvão: Voltando a isso do, dos celeiros dos profissionais, então, a gente teve a oportunidade de estar em contato com fonoaudiólogos, com terapeutas ocupacionais, então trabalhar nessa questão multiprofissional era muito importante pra gente poder ver a necessidade disso né, que muitas vezes na formação da gente é tão fechadinho, “você é fisioterapeuta, você é fisioterapeuta”, mas a gente vê que a gente precisa de todo mundo pela criança, né. Então o LEPED foi um grande, nossa, um divisor de águas, assim.

Soraya: O LEPED é o Laboratório de Fisioterapia Pediátrica da UFPE. Foi a partir da experiência nesse laboratório que a Malu conheceu todos esses outros profissionais que ela comentou aí pra gente.

Maria Lucia Galvão: Ele me formou mesmo na profissional que eu sou e que eu quero ser.

Soraya: Então, como o vírus afetava muitos sistemas da criança, foi necessário montar equipes multidisciplinares. E conviver com tanta gente de outras áreas deu uma cara para essas experiências. Essas estudantes aprenderam a trabalhar em coletivo, no ombro a ombro.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, diminuindo ao longo da fala]

Bloco 3 - Relação com sujeito de pesquisa

Irene: Tá mas, como era isso pras crianças, Sora? Você só tá me contando de equipes de cientistas, de uma professora ensinando uma aluna. Quando, na verdade, as crianças eram os sujeitos atendidos e pesquisados, né?

Soraya: Ah, sim, bem lembrado. Essas estudantes, como a Malu, a Olga, o Fernando, encontravam as crianças e suas mães uma, duas, três vezes por semana. E, na divisão de tarefas dentro das equipes de pesquisa e de atendimento, os estudantes ficavam encarregados de algumas tarefas específicas, por exemplo, abordar a mãe da criança, apresentar a pesquisa e convidar para participar da pesquisa. Por conta desses encontros frequentes e também porque essas estudantes tinham a mesma idade e às vezes até moravam nos mesmos bairros que as mães das crianças, elas acabavam conhecendo as histórias daquelas crianças. Conheceram seus nomes, seguiram as notícias que as mães postavam nas suas redes sociais, recebiam fotos de festa de aniversário pelo zap.

Irene: Nossa, essa convivência é bem diferente do que a gente tá acostumada em consulta de 10 minutos que a gente recebe por aí, né. Sobre essa vivência toda, os entrevistados falaram sobre isso?

Soraya: Com certeza, Irene! Muitos estudantes falaram disso. A Olga, aquela aluna de Nutrição, ela avaliou onde esse encontro com a realidade social a levou. Escuta só:

Olga Souza: Acho que além dos títulos, né, porque o Zika me concedeu dois títulos importantes, foi o de especialista da família e o de mestra em saúde da criança e do adolescente, acho que além dos títulos, eu me considero uma profissional mais humana. Então essa questão da humanização foi um diferencial na minha carreira, é algo que eu conto assim com muito orgulho, de ter participado, fico até emocionada até assim de lembrar essa trajetória porque [voz embargada] foram momentos assim importantes estar com aquelas mães, famílias, eram muitas dificuldades de fato que eu via que elas enfrentavam e, como eu falei, era um público de baixa renda, totalmente vulnerável.

Soraya: O Afonso Tavares Netto, colega de Malu, também da Fisioterapia, contou o seguinte para gente:

Afonso Tavares Netto: Mas eu percebo que esse viés social me pega muito forte, sabe? De perceber uma necessidade de algo, é uma coisa que vai muito além do pensamento da publicação, do Qualis da publicação. Sabe, para mim, o peso social da pesquisa que eu vou desenvolver é algo que pesa muito, eu gosto de trazer o impacto social naquilo que eu faço, porque é como se aquilo trouxesse significado para mim. É... Aquele espaço, os relatos daquelas mães, as necessidades que elas tinham né, que a família tinha, né? Famílias extremamente vulneráveis, com necessidades básicas e tendo que lidar com um descaso do Estado, com o uso, assim, indiscriminado de pesquisadores também para se promover. Então, eu acho que tem um pouco disso também. E aí é aquela coisa né, porque também a gente vai vendo que existe um olhar também, hoje lendo muito Djamila Ribeiro, lendo muito Angela Davis, você vai percebendo que tem um peso também aí de um sexismo, de vários aspectos que estão relacionados com tudo isso porque eram mulheres pretas, pobres, periféricas e que tinha as suas crianças nessas condições que estavam sendo utilizadas também com essa perspectiva. As publicações daquela época, eram tudo voltadas para isso, né, para o Zika, como depois se transformou na necessidade de publicação para o Covid. E aí, talvez essa situação pode ter até se repetido, né, de que os pesquisadores se encaminharam para esse foco do que a comunidade científica está pedindo, e não o que a realidade, o contexto em que eles estão inseridos está pedindo, talvez, né?

Soraya: A Malu resumiu de um jeito incrível toda essa vivência que ela, a Olga e o Afonso tiveram. Ela falou assim numa entrevista pra gente:

Maria Lucia Galvão: Eu acho que deixou um legado de entender como fazer ciência enxergando vulnerabilidades sociais.

Soraya: Veja só que ótima síntese: “Um dos legados do Zika foi entender como fazer ciência enxergando vulnerabilidades sociais”!

Irene: É mesmo. Para gente da Antropologia, a gente tá acostumada a entender que uma doença nunca acontece fora do contexto social. Mas eu vejo, com estes depoimentos todos, que esta não é uma habilidade óbvia e nem automática nos cursos da saúde. Talvez para muitos destes estudantes tenha sido uma “grande virada de chave”, assim, conhecer, conviver, atender tantas crianças negras e de classe popular, conhecer de perto quem foi atingido pela epidemia do Zika.

Soraya: Ah, eu também acho. Circularam para fora do campus universitário, conheceram essas crianças em seus contextos sociais mais específicos, visitaram as casas, suas famílias. Viram as dificuldades de renda, de transporte, o racismo ambiental das periferias do Recife. O Zika deixou de ser uma “doença de mosquito”, a criança deixou de ser um número. Hoje, essas estudantes já estão todas formadas, já são todas profissionais e elas consideram essa experiência toda como um **diferencial** na sua formação.

Irene: Foi um outro jeito de aprender.

Soraya: Certamente. Essas estudantes, que estavam na linha de frente de atender e de pesquisar, foram muito interpeladas. O Afonso, quando convidava as famílias para participarem da pesquisa, ouvia coisas assim ó:

Afonso Tavares Netto: Muitas vezes, a gente entrava em contato e a resposta era, “Vou ganhar o que com isso?”, “Me informe se vai ser rentável pra mim”. Porque a gente sabe que, de fato, a pesquisa acontece e não existe esse feedback, poucas pesquisas eu participei... pesquisa de iniciação, mestrado, na residência e tantas pesquisas que eu fiz que eu não dei o *feedback* pra quem, de quem eu coletei os dados ou do serviço de onde eu coloquei os dados, entende? Então, existiu essa falha e também a própria mãe, no sentido de que ela ficava na expectativa de ter algo em troca.

Irene: Nossa, que forte isso. E que interessante os sujeitos de pesquisa e suas acompanhantes terem essa voz tão ativa no fazer da ciência. O que Afonso e as outras estudantes que vocês entrevistaram fizeram diante desses posicionamentos das famílias?

Soraya: Ah, elas foram refletindo sobre suas práticas, olha como a Malu falou disso para nós:

Maria Lucia Galvão: Então, o que era que a gente podia oferecer pra que aquela mãe não fosse mais um número? Então, o que a gente fazia de contrapartida era oferecer o atendimento, porque a gente tinha um local que podia ser oferecido pra elas. Então, já que elas vinham pro atendimento, a gente buscava tratá-las, assim, como um momento de valorização. Então o mesmo café que era servido pra gente, para elas também. Da mesma forma que tinha biscoito pra gente, tinha biscoito pra elas também. Tinha água, tinha um ambiente com ar condicionado, um ambiente no mínimo confortável pra elas.

Soraya: Então, elas foram pensando em contrapartidas, tipo garantir vaga para que essas famílias não tivessem que enfrentar fila; ou então, oferecer sessões de reabilitação, num projeto de extensão, por exemplo; é, pensaram em entregar de volta os resultados dos exames; fazer o encaminhamento para outro serviço ou então outro especialista, tirar todas as dúvidas que elas, que essas famílias tinham; organizar campanhas de doação de alimentos, de fraldas. E foram revendo se o “n” da amostra tinha mesmo que ser tão grande, foram compartilhando dados para não ter que repetir um mesmo questionário. Essas são algumas estratégias, Ire.

Irene: Quer dizer, então, elas foram mudando não só o jeito de conviver com os sujeitos de pesquisa, mas o próprio jeito de **fazer a pesquisa**.

Soraya: Isso aí! No episódio 2, “Cuidado é substantivo feminino”, a Caroline Franklin contou sobre isso para nós, como as relações com as mães destas crianças atingidas pela epidemia mudaram a ciência para dentro.

Irene: E para terminar, Sora, vocês encontraram mais alguma coisa específica de estudar e se formar durante uma epidemia?

[Respiro musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, aumentando ao se aproximar do final de cada fala e diminuindo aos poucos em seguida]

Soraya: Bom, essas estudantes todas conviveram intensamente com essas crianças, com outros colegas da saúde. Então, tanto puderam ouvir o *feedback* das famílias sobre o tipo de ciência que elas estavam fazendo, quanto puderam ver outras cientistas trabalhando, o jeito de elas fazerem pesquisa. Então, justamente porque o trabalho foi multiprofissional, foi coletivo, como eu te contei antes, elas puderam comparar como outros professores davam aula, como outros pesquisadores escreviam seus artigos, por exemplo. Quer dizer, puderem fazer mais autorreflexão e também apurar a sua criticidade. E aí, o Afonso concluiu assim:

Afonso Tavares Netto: E aí, eu confesso, assim, para mim essa percepção, talvez não foi só da Zika, mas da construção que eu fiz, da trajetória que eu tive depois da Zika, né, hoje eu sinto que o espaço onde estou hoje trabalhando na escola de saúde, me faz refletir isso, as pessoas que estão trabalhando comigo me fazem refletir isso, e eu sinto que foi justamente essa trajetória que me, me fez transformar um pouco também isso. A Zika foi parte da trajetória que eu carrego comigo, e que com certeza vai reverberar em todos os espaços que eu for.

[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve, aumentando ao se aproximar do final de cada fala e diminuindo aos poucos em seguida]

Fechamento

Soraya: Então, Irene, hoje, eles olham para trás e reveem as suas práticas durante a epidemia, mas também projetam outras práticas para frente. Agora como professoras, é, preceptoras nos serviços, orientadoras de dissertações e teses, elas vão poder colocar em prática esses aprendizados e vão poder ajudar a próxima geração de nutricionistas, médicas, psicólogas de um outro jeito. Como disse a Olga, aquela estudante de Nutrição, elas vão poder oferecer uma formação mais humanizada, perto das pessoas que sofreram na pele os efeitos dessa epidemia.

Irene: Eu diria até, pelo que a pesquisa de vocês demonstra, que elas relativizaram a própria formação, colocaram em xeque práticas muito consolidadas e pouco questionadas de como ser estudante, como ser cientista.

Soraya: Sim. Foram vendo que, em vez de só uma “ciência de quantidade”, era possível fazer outro tipo de ciência, uma “ciência de qualidade e também uma ciência transformadora”.

Irene: Muito legal, Soraya. Agradeço por contar sobre a pesquisa de vocês.

Soraya: E nós agradecemos pelas pessoas que toparam nos dar essas entrevistas e nos contar sobre seus processos de formação.

Irene: O currículo da Maria Lucia Galvão, da Olga Sophia Martins Sousa, do Fernando Oliveira e do Afonso Tavares Netto podem ser encontrados na página do Mundaréu, anota aí: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/> [**Início da música vocalizada “Suporto Perder”, ao fundo**] A nossa série é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal e a música que embala a série é “Suporto Perder”, da cantora pernambucana Flaira Ferro e do Igor de Carvalho, e também com a voz do Chico César. Você pode ver todo o expediente de produção na descrição do episódio.

O Mundaréu integra a Rádio Kere-Kere, um coletivo de podcasts de Antropologia. Hoje eu quero indicar um podcast da rede, o “**Museológicas**”. Eles estão com uma série nova, “Divulga RAM”, para falar da XIV Reunião de Antropologia do Mercosul, que vai acontecer de 1 a 4 de agosto de 2023, na Universidade Federal Fluminense em Niterói, no Rio de Janeiro. Os episódios podem ser encontrados no site da nossa rede: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

É isso, até mais! A gente se ouve no nosso próximo episódio da série, “Ciências do Zika”.

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

*É chegado o tempo da inocência partir
Vida pede cimento, vou fincar minha raiz
Não me perder no vento da emoção do aprendiz
É chegado o tempo de ampliar a ciência
Sobre o que é ser feliz
(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*